



Arqueoastronomía Maia: Observadores do Universo

Direção: Milagros Varguez

Produção: Gabriel Berríos

Roteiro: Josefina Moyrón

Tradução: Milagros Varguez, Simone Pallone e Patricia Santos

Narração: Patricia Santos

Especialista científico: Jesús Galindo Trejo

Nome do filme: Arqueoastronomía Maia: Observadores do Universo

Formato imagem: Fulldome 4K

Formato áudio: 5.1

Duração: 20 minutos

Produtora: Frutos Digitales / www.frutosdigitales.com /

gberrios@frutosdigitales.com

País: México 2017

<p>Arqueoastronomía Maia: Observadores do Universo Roteiro em português Setembro 2016</p>
--

A noite é um olho escuro e brilhante...

Obriga-nos a olhar e nos perguntar:

O que fazemos aqui?

Aonde vamos?

Sob o olhar do céu, nos descobrimos pequenos, sozinhos.

A escuridão que nos rodeia se abre à luz e observamos o céu.

Descobrimos *Noh Ek*...Vênus

Uh'...A lua



E da terra, aparece à espreita, Balam...

...um jaguar que leva em sua pele as estrelas...

Mas o princípio e fim de tudo, dita *Kin*: o Deus sol.

Sobre seus rastros

A vida na terra amanhece, se abre e dorme...

Graças ao Deus Kin, se desdobram asas...

As cores vibram...

A vida se apresenta com cara de animal...

Da terra emergem plantas e árvores...

E cresce a paineira

Árvore sagrada que conecta o submundo, a terra e o céu...

Larga e alta *Ceiba* de cuja sombra dirigimos o olhar para o céu...

E a partir do movimento de *Kin*, de planetas e de estrelas, conhecemos e nomeamos o tempo...

Seguimos os passos do Sol construindo degraus como dias e anos...

Templos orientados à luz e ao Caminho do Sol

Assim sabemos o momento exato em que o Deus *Kin*, surge no horizonte...

Quando alcança o ponto mais alto no céu e quando se esconde, com as cores do entardecer...

A necessidade de olhar para o céu...

O impulso a cada instante por conhecer o que acontece nessa abóbada que nos envolve...

Observar o aparente movimento de planetas, estrelas e outros astros, nos acerca ao conhecimento dos ciclos do cosmos, de nós mesmos, e à ideia do infinito...



Os maias, como todas as culturas mesoamericanas, utilizam dois tipos de calendários.

Um deles baseado no movimento de Kin, o Deus Sol, de 365 dias.

18 períodos de 20 dias que somam 360. E aos quais se agregam 5 dias mais para ter 365 e alcançar o Sol.

E ao mesmo tempo, temos outro tipo, o ritual, de 260 dias organizados em 20 períodos de 13 dias.

Ambos começam ao mesmo tempo...

Mas, a partir dos primeiros 260 dias cada calendário toma seu próprio curso.

E terá que transcorrer, exatamente, 73 ciclos de 260 dias.

E 52 anos de 365 dias, para que os dois calendários coincidam de novo.

Tudo se renova e começa de novo.

O fogo se acende de novo e celebramos porque nos seguintes 52 anos, o mundo seguirá vivo...

As borboletas, Péepemòob levam pedacinhos desta vida e do Sol entre suas asas.

Parece que gostam de deixar gotinhas de luz ao pé do Castelo.

Aqui, no poço dos *Itzáes*, *Chichén Itzá*, construímos este templo em honra ao Deus *Kin*; ao Sol, ao tempo...

O Castelo foi construído sobre um *cenote*.

Tem nove corpos como os nove níveis do submundo...

Seu santuário superior se expõe aos quatro pontos cardiais.

E na escadaria, na parte norte, durante o entardecer do equinócio, quando o dia tem uma duração igual à da noite...

Aparece *Kukulcán*, a serpente emplumada. Serpente de luz e pedra...



Que baixa lentamente, mostrando seu corpo de réptil e ave, em sete triângulos de luz...

Até que sua cabeça de pedra se debruça sobre o início da escadaria...

Mostra sete triângulos porque são sete os rumos do universo...

O Norte, o Sul, o Leste, o Oeste, o centro, o céu e o submundo

Kukulcán desce até nós para nos dar o calendário; o tempo...

Da pirâmide, podemos observar o eterno movimento do Sol...

O vemos de qualquer lugar, emergir do horizonte... navegar pelo céu...e desaparecer num mar noturno...

Só dois dias ao ano, o Sol alcança o Zênite: o ponto mais alto no céu.

Nestas datas em que a luz cai de maneira vertical ao meio dia, não se projetam sombras laterais.

Parece que até as sombras se protegem do poder de Kin, do Deus Sol.

O Castelo nos revela o passo rumo ao zênite do sol.

Nos dois dias em que isso acontece, ao amanhecer, os vértices dos nove corpos, marcam a posição no horizonte onde surgirá o Sol.

Ao meio dia, o sol alcança o zênite.

As sombras se refugiam.

Se escondem...

E ao ocaso, a escada oeste alinha o disco solar no horizonte.

O eterno movimento do Sol é um permanente retorno à terra, onde a vida pode ter os dias contados...

Mas nós, voltaremos ao Sol; um

Sol que terá crescido e será mais vermelho que sangue.

Sabemos que em vários milhões de anos, voltaremos à origem de tudo, o visível e o invisível...

O tempo tem o mesmo rosto em Uxmal...



Ele é sempre gravado, ao estilo maia.

Podemos prever o movimento e os ciclos de alguns astros.

A partir de nossas construções, destacamos sua posição brilhando no céu, em momentos determinados pelo sistema do calendário mesoamericano.

No quadrilátero dos pássaros, a grande pirâmide do “O Vidente” está orientada ao poente, para o pôr do Sol; em duas datas que se encontram 73 dias antes e depois do solstício de verão.

Daqui podemos reconhecer 73 como um número sagrado no calendário, envolvendo o Deus *Kin* e incendiando-se no horizonte.

Na escuridão abrimos os olhos. Somos sombras que olham para o firmamento.

E a partir destas rochas, reconhecemos o planeta mais brilhante do céu:
Noh Ek, Vênus.

Vênus surge em sua posição extrema no horizonte sudeste, visto a partir do Palácio do Governador.

Este edifício está ornamentado com grande quantidade de carrancas de *Chaac*, o deus da chuva, que mostra o hieróglifo de Vênus em ambos os olhos.

Vênus é muito importante.

Seguimos todos seus passos e os registramos sobre as pedras...

Construímos estelas, como a de *Chichen Itzá* para contar como nossos astrônomos puderam medir com tal exatidão os períodos de observação de Vênus e do Sol.

Oito anos de 365 dias contêm 5 períodos onde se pode observar Vênus.

Isto quer dizer que a cada oito anos terrestres e na mesma data, encontraremos Vênus de novo, no mesmo lugar e na mesma parte do céu.

Em *Edzná* as estruturas e glifos seguem contando sobre a importância do calendário e da lua.

Particularmente prestamos homenagem ao Deus *Kin*.



Esta pirâmide se levanta para ele e marca datas importantes que se repetem em nossas cidades.

Essas datas nos indicam uma divisão ideal do ano solar definida por 260 dias e por múltiplos de 52

Construímos esses templos para ter um lugar onde deixar nossas oferendas e falar com nossos deuses sobre a vida e o tempo...

E sim, eles nos respondem.

A selva se estende com todos seus idiomas e anuncia novos caminhos...

Os Deuses nos acompanham a partir de seu lugar de observação, de pedra e estuque ...

Chaac nos regala presenteia com a chuva...

Com a água, sabemos que amanhã teremos alimento...

E Balam caminhará à noite como um jaguar sem sede...

Um Beija-flor voa sobre seu lugar...

Parece trazer algo urgente; uma mensagem que se agita sem descanso.

Nos lembra batalhas que foram vencidas e que continuam...

Nos dirige a Bonampak...Em cada passo, em cada degrau fazemos uma reverência...

Aqui as cores azul maia, verde, ocre, vermelho, preta, acompanham as mulheres que se embelezam...

Às notas que emitem os trompetes, os tambores e as maracas...

Uma festa explode nesta profusão de imagens onde aparecem também grandes carrancas solares e guarda-sóis...

Neste recinto central do edifício as cores e figuras emanam sangue. Tudo parece ser guerra.

Mas, na abóbada se moldaram quatro quadrados com representações de animais e personagens acompanhados com hieróglifos de estrela.



A partir da data pintada pelos maias: 6 de agosto de 792 depois de Cristo, esses

espaços podem ser identificados com a constelação de Orion, com o aglomerado de estrelas Plêiades, a Estrela Vermelha, Aldebaran, na constelação de Touro e o planeta Marte.

Neste recinto se ganhou a guerra...E celebramos com grande festa.

Os soberanos são os homens mais poderosos porque são donos do conhecimento.

Por isso seu poder está registrado numa estrela da cidade e nosso soberano Chan Muan I sustenta entre seus braços o monstro do céu: a Via láctea

A partir de Palenque observamos a nossa galáxia tão vasta como nossa selva...

Construímos universos de soberanos como o de Pakal

Sua mãe é quem o coroa, assim como aparece na estela lavrada da Casa E d´O Palacio.

Ao pé de seu trono, vemos Balam duplicado; dois jaguares lado a lado nos olham.

Inclusive as flores plasmadas na fachada da casa, têm olhos em seu centro.

Tudo nos convida a observar...

E do ato de olhar, sabemos que a luz do Sol cai diretamente sobre a estrela no ocaso, em duas datas que dividem o ano em períodos de 260 e 52 dias.

De novo, estamos diante de um culto ao calendário e aos Deuses que o inventaram Pintamos Vênus... *Noh Ek*, no interior da torre de El Palacio.

E serpentes emplumadas são testemunhas do reinado de Pakal.

Tudo parece se dirigir à eternidade.

Todos os olhares apontam ao soberano e a seu descenso ao submundo emoldurado por faixas celestes.

Um universo que temos observado todos os dias com suas noites.

E depois de ser testemunha de cada mudança que há no céu... podemos identificar o coelho branco na superfície da lua.



Sempre sai de distintos pontos pulando.

Por isso, em San Gervasio, na Ilha de Cozumel, construímos o templo a Ixchel, Deusa da lua.

Oráculo e santuário, ainda conserva os dois espaços onde se encontrava sua imagem.

Daqui, podemos olhá-la a cada 18,6 anos, alcançar seus pontos extremos no horizonte e em seu ocaso, introduzir-se em seu templo.

Ixchel é jovem e anciã ao mesmo tempo.

É sábia e feiticeira. Padroeira das fiandeiras e Deusa da fertilidade.

Tem vivido uma eternidade e aparece sempre como se fosse a primeira vez.

É mulher e lua.

É coelho que pula ao espaço com rostos mutáveis e se chama Ixchel; a do arco-íris

Esse Sol de água nos lembra tudo o que existe detrás do horizonte...

Nossos sacerdotes - astrônomos maias o observaram com incrível precisão. Puderam registrar a sucessão de 69 eclipses do Sol e da lua ao longo de 33 anos, como Chibil K'in, “mordida de Sol” ou Chibil Uh “mordida de lua”

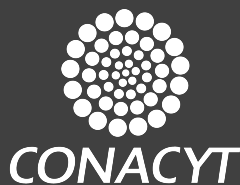
Em todas nossas construções veneramos o tempo como algo sagrado.

Hoje, o universo parte de nosso olhar.

Somos asas que transformam o vôo do céu.

Nossa origem e nosso final se encontram nas estrelas, sobretudo em nossa estrela Kin; o Sol; que se move incessante na escuridão do Cosmo.

E a partir de um esconderijo na noite, somos como Balam: jaguares que levam em sua pele as estrelas.



Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología



**FRUTOS
DIGITALES**
PARA LA COMUNICACION
DE LA CIENCIA